

ESTADO DE MATO GROSSO  
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA

Br 1  
C32572852

DOIS MOMENTOS E UMA HISTÓRIA

Joranir Campos Vaillant

|                                             |              |
|---------------------------------------------|--------------|
| BIBLIOTECA<br>UNEMAT                        |              |
| Campus Universitário de Pontes e Lacerda-MT |              |
| RG N°                                       | 6604         |
| Data                                        | 14 / 01 / 02 |

37/09/  
2/3/02

Pontes e Lacerda , julho de 2000

ESTADO DE MATO GROSSO  
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA

DOIS MOMENTOS E UMA HISTÓRIA

Ensino Monográfico desenvolvido no  
estágio supervisionado de Língua  
Portuguesa, Língua Inglesa e Literatura  
do VIII semestre do curso de Letras da  
Universidade do Estado de Mato Grosso  
Campus Universitário de Pontes e  
Lacerda

Pontes e Lacerda, julho de 2000

"Ler é saber que o sentido pode ser outro"  
(Eni P. Orlandi)

## AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu Deus por estar presente em todos os momentos, fortalecendo-me nas horas mais difíceis pelas quais passei.

A toda minha família, em especial ao meu esposo Mario Vaillant e a minha cunhada Marina Vaillant, que não envidaram esforços para fazer-me caminhar em busca da realização deste sonho.

A minha orientadora que mui prontamente contribuiu de maneira extraordinária no desempenho deste, mostrando-me ser não só uma excelente profissional como também uma grande amiga.

E a todos os professores e colegas que direta ou indiretamente contribuíram no desenvolvimento deste trabalho.

SECRET

[illegible]

2000

105

## DEDICATÓRIA

Dedico esta monografia à toda minha família, aos meus queridos filhos e esposo e ao meu cunhado Pedro Carlos (In memória) que sempre estiveram presentes na realização desta tarefa. Encorajando-me a prosseguir em busca deste ideal.

E a todos os professores e amigos em especial Teresa Pasos , Marlene Matos e Madalena Machado que de maneira grandiosa atuaram no processo deste trabalho. Tornando assim possível o meu crescimento não só como acadêmica, mas também como pessoa.

## SUMÁRIO

|                                   |    |
|-----------------------------------|----|
| Apresentação.....                 | 01 |
| Dois momentos e Uma História..... | 04 |
| Divergência Educacional.....      | 08 |
| A Flexão do Saber.....;           | 31 |
| Considerações Finais.....         | 37 |
| Anexos.....                       | 40 |

## APRESENTAÇÃO

Ao percorrer a história da educação vemos que esta apresenta momentos curiosos que merecem ser analisados. O contato com trabalhos de estudiosos neste campo do conhecimento nos permitiram conhecer a gênese da escola , ou seja , compreendê-la desde o seu nascimento enquanto instituição de ensino até ao dia de hoje. Esses dados emergiram do contato com algumas literaturas nacionais, trabalhos já publicados nos quais nos embasamos para discorrer sobre uma possível mudança na educação da década de 70 em relação à de hoje.

Esse tema pelo qual optamos está relacionado diretamente a uma antiga curiosidade que depois de algum tempo passou a nos incomodar , pois nossos pais , tios , enfim pessoas de mais idade , comentavam que a educação dos tempos passados era melhor que a de hoje e que alunos da 3ª e 4ª série eram melhor ensinados e sabiam mais que os da 8ª série atual. Esse tipo de comentário, de uma certa forma trouxe - nos perguntas inquietantes que muitas vezes ficaram sem respostas e por outro lado preocupavam-nos, pois estávamos inseridos no contexto desse "hoje" e nos sentíamos um tanto discriminados, injustiçados e sem condições de nos posicionarmos , ou ainda entendermos a razão dessa suposta desigualdade. Ao trabalharmos esta questão estaremos cooperando por um lado para que nossas dúvidas sejam de alguma forma sanadas tendo em vista as críticas sofridas tanto dentro como fora do recinto educacional e por outro lado estaremos nos situando na história da educação brasileira e discutindo a questão dessa

suposta diferença ,buscando o porquê dela e onde nós professores poderemos dar nossa parcela de contribuição para a mudança desse quadro.

Com esse propósito partimos para a pesquisa em busca de dados oriundos de estudos bibliográficos e também entrevistas semi – estruturadas feitas com 5 professoras que atuaram e continuam atuando no ensino da rede pública dos referidos períodos. Com esse fim elaboramos 5 perguntas (segue anexo) referentes à educação com o propósito de buscar a opinião do professor com relação a escola da década de 70, se esta tinha forma diferenciada de educar com relação aos dias atuais , quais os problemas enfrentados pelos educadores no referido período que não são encontrados hoje, em quais das duas épocas foi ou é mais difícil de se trabalhar com a educação. E com relação aos conteúdos perguntamos se há diferença na quantidade e na forma de aplicar os mesmos.

No desempenho dessa tarefa fizemos uma visita prévia nas escolas Dormevil Faria, 14 de Fevereiro e 6 de Agosto, todas em Pontes e Lacerda em busca de informações, primeiro sobre a existência (ou não) desses professores e posteriormente sobre a localização destes. Uma vez localizados entramos em contato com os mesmos que nos atenderam prontamente dando sua parcela de contribuição para o andamento desta tarefa.

Para dar continuidade no desenvolvimento do presente trabalho organizei esta monografia em forma de capítulos os quais discorreremos ao longo do texto. No primeiro capítulo falaremos a cerca das concepções que os professores tem com

relação a educação da década de 70 abordando assim a questão da forma de ensinar de ambas as décadas, e no segundo falaremos sobre os conteúdos aplicados nesse período, se existe alguma diferença no modo que se trabalhava o mesmo, com relação ao de hoje. Tendo como foco de análise os depoimentos de cada um dos entrevistados.

## DOIS MOMENTOS E UMA HISTÓRIA

A questão educacional no Brasil é algo que desde muito tempo tem preocupado e continua preocupando muitos, daí porque grandes estudiosos se propuseram a entrar para o mundo das pesquisas, debates, seminários, etc. com o propósito não só de esclarecer pontos obscuros como também sugerir propostas que possam contribuir para o melhoramento ou até mesmo a solução para determinados problemas.

Com o objetivo de investigar a temática proposta buscamos obter informações sobre como era a educação da década de 70 e qual a diferença da mesma para os dias atuais. E para compreendermos a escola das décadas em estudo, se fez necessário um retrospecto na história da educação, a começar pelo seu surgimento.

Convém lembrarmos que a escola no período anterior ao capitalismo destinava-se a instrução dos filhos dos senhores. Os servos não tinham acesso a nenhum tipo de educação formal. Porém com o surgimento do capitalismo pensa-se em uma escola aberta a homens comuns da sociedade. Mello (1986) coloca em sua obra "Da Competência Técnica ao Compromisso Político", que a escola pública gratuita e aberta a todos constitui um propósito fundado no pensamento liberal,

expressão ideológica dos séculos XVIII e XIX. E foi daí que a escola começou a ganhar credibilidade social.

No desenvolvimento dessa pesquisa obtivemos descrições referentes a uma educação que tem seu curso articulado por fatores de diversas ordens, e inserido nesta está o seu condicionante principal, o capitalismo.

Isso nos leva a entender que o ensino que se cogitava no período pré-capitalista era dirigido a uma pequena parte da sociedade onde quem dispunha desse privilégio era o clero e a nobreza as duas classes que detinham poder econômico na época. E se levarmos em conta o período, observaremos que tal ensino fundamentava-se numa filosofia cuja base estava ligada à essência humana ou seja, a desigualdade social era explicada como determinação divina. Nota-se aqui, a linha do Teocentrismo como suporte desta filosofia. Desse modo

“...ao serem criados os homens segundo uma essência predeterminada, também seus destinos eram definidos previamente ; a diferenciação entre senhores e servos já estavam marcada pela própria concepção que se tinha da essência humana.”(SAVIANI p. 50)

No decorrer do processo da revolução social, mas, ainda sob a visão essencialista surge junto ao capitalismo a necessidade de implantar uma escola que viesse ao encontro dos interesses da nova classe em ascensão e é através dela que

a burguesia vai atuar ideologicamente , defendendo a filosofia da essência e usando-a como suporte para a "defesa da igualdade dos homens como um todo"(SAVIANI, 1996: p.50) , com o propósito de contestar a idéia existente na época. Com esse apelo a nova classe procura mostrar ao clero e a nobreza que os privilégios dos quais eles gozavam não eram naturais nem divinos porém sociais e portanto injustos. E esta ordem precisava ser substituída por uma sociedade igualitária onde todos pudessem gozar dos mesmos direitos. É baseado nesse ideário que a burguesia promove a mudança social, "substituindo a sociedade com base num suposto direito natural por uma sociedade contratual".(SAVIANI 1997 , p: 51)

“...Nesse momento a burguesia , classe em ascensão vai se manifestar como uma classe revolucionária, e enquanto classe revolucionária vai advogar a filosofia da essência como um suporte para a defesa da igualdade dos homens como um todo...”(op cit. p.50)

CUNHA (1980) faz referência por meio dos seus relatos ao fato de que foi a partir dessa nova concepção que surgiu a necessidade de uma escola aberta a todos. Segundo a autora, na medida em que o trabalho das fábricas tornava-se mais complexo exigia-se também mão de obra qualificada. ARANHA (1996) coloca que até então as escolas eram restritas a poucos. Eram excluídos do seu meio praticamente todos os filhos de trabalhadores. Para SAVIANI (1997) com a revolução capitalista surge interesse de instruir a classe popular. Prega-se então a

democratização do ensino cujo objetivo implícito era preparar o povo para o trabalho fabril que era emergente do momento.

Dentro dessa nova realidade social surgiam freqüentes reivindicações da parte dos trabalhadores denotando insatisfações com o sistema, e com isso houve necessidade de formular uma ideologia que viesse legitimar as relações de forças emergentes da burguesia. Segundo CUNHA (1980), essa ideologia teria que veicular a idéia de que os indivíduos deveriam se posicionar na sociedade conforme seu desempenho escolar, sua função era a de classificar as pessoas oriundas das diferentes classes sociais conforme suas motivações e potencialidade inatas". (p.114) Montava-se então um sistema de ensino onde todos pudessem ter acesso e submeter-se a inculcação dessa ideologia bem como qualificar as pessoas em cima de "técnicas de leituras", "escritas" e "cálculos" que passavam a ser necessários. Para VEIGA (1994) a escola surge como justificativa do capitalismo, nela se prega não só a instrução do povo mas também os princípios capitalistas como verdadeiros. Retomando a idéia de SAVIANI "a escola surge como um antídoto à ignorância ...Seu papel é difundir a instrução, transmitir os conhecimentos acumulados pela humanidade..."(SAVIANI 1997 p.18)

Percorrendo essa história percebemos que só depois do surgimento da nova classe social, a burguesia, é que se pensa em escolarizar o povo. Desse momento histórico até os nossos dias, a educação sofreu diversas mudanças, cada uma correspondente ao seu período histórico, político, econômico e social caracterizando assim deferentes épocas. É baseado nesse estudo que pretendemos desenvolver o

tema já proposto desde o início deste trabalho ou seja, buscaremos saber, na opinião dos professores , sujeitos desta pesquisa, como era a educação na década de 70 comparando-a com o ensino que se desenvolve atualmente estudando com isso as possíveis diferenças.

## DIVERGÊNCIA EDUCACIONAL

Com o propósito de obtermos informações referentes à educação dos períodos em estudo , e ao mesmo tempo relacionando-os aos de hoje, passaremos a analisar os depoimentos dos professores A, B, C, D, e E que contribuíram para o desenvolvimento deste trabalho.

Ao pedir que a professora A se posicionasse referente ao modo de ensinar da década de 70 e se havia alguma diferença daquela época para o ensino de hoje, a referida professora comentou em seu depoimento que:

“ ... o aluno que estava estudando tinha mais vontade de aprender (...)era mais dedicado , parece que a vida escolar era levado mais a sério (...)os pais compravam todos materiais(...) havia assim mais incentivo(...)”.(prof. A)

Ao analisarmos esse depoimento vemos que esta professora está falando de um momento onde era atribuído ideologicamente à escola o poder de tornar alguém “bem sucedido na vida”. O que precisamos nos ater é ao fato de que nesse período as pessoas buscavam na escola não só “ser alguém na vida” , “ter um futuro melhor” , “ser pessoa culta e instruída” , como também a obtenção de um emprego, obviamente que não fosse manual, que possibilitasse mudar seu nível de vida de uma forma geral. Segundo Pereira “é claro que a escola tem responsabilidade no

condicionamento dessa atitudes valorativas perante as profissões”(PEREIRA 1996 p. 109).

Recorrendo à bibliografia sobre o assunto, encontraremos o trabalho de PEREIRA (1969) que nos mostra a sociedade de décadas passadas, anterior a nossa, contemporânea a essa onde as pessoas acreditavam na escola não só para elevar-se socialmente como também para aquisição de bens materiais. Segundo esse autor “a escola representa para essa população estudantil um mecanismo de ascensão social , que começa a dar prestígio ao indivíduo e ao seu grupo familiar a partir do instante em que ele se torna ginásiano” (p. 107), o que fica evidente, no depoimento abaixo de um aluno da época ,citado na obra do referido autor.

“...Em época de exames e de sabatinas, peço à minha mãe que me chame às 3 horas da manhã ...antes de deitar-me eu já previno a minha mãe de que eu não vou querer sair da cama , que vou xingá-la , e vou agredir quem tentar me acordar. Então eu peço a ela que não tenha pena de mim e me tire da cama nem que seja à força. Eu quero levantar , e sei que preciso , mas tenho tanto sono que na hora tenho raiva de quem me acorda...”(op cit.p.96)

A professora A fala em seu depoimento que na década de 70 “...cada disciplina era adotado um livro ..., e o material escolar , assim parecia uma festa os pais ia e compravam aquele mundo de material, era aquela despesa...e havia mais

incentivo..."(prof. A ). Diferente desta, a professora C coloca que "...a criança ...faltava por não ter material escolar ...naquele tempo era caro demais ...quantas vezes a gente fazia caderninhos das apostilas velhas para que aqueles alunos viessem na escola..."(prof. C).

Nos relatos acima percebemos dois depoimentos que contemplam realidades distintas, o primeiro é um fato tipicamente histórico, onde a professora A fala de um momento em que a escola era acreditada como promotora de nível social e por isso o motivo do desdobramento dos pais para "educar" seus filhos, e o segundo está relacionado a um contexto social vivido por determinados alunos de classe pobre. Notamos com isso um contraste próprio do período, onde a escola abre as portas para "todos" e contrapondo a isso os pais não conseguiam manter seus filhos nas escolas por falta de condições econômicas, motivo esse responsável pelo grau acentuado de repetência e evasão nas escolas. Fala-se aqui de duas realidade que contemplam o mesmo período. Hoje o governo atenua essa situação distribuindo materiais escolares às escolas, porém os alunos perderam aquela crença no poder da escola como meio de ascensão social.

Analisando ainda o depoimento da professora A vemos que esta faz referência sobre a educação de hoje como mais difícil de se trabalhar, afirmando que "agora parece que é levado com a barriga..."(prof. A) . O que fica evidente é o contraste com a história da educação da década de 70 onde a sociedade depositava toda crença na escola e esperava dela inconscientemente o milagre da transformação. Hoje os pais e alunos já não a vêem dessa forma. Não se pensa em

estudar para ser alguém na vida. É sabido que a escola de hoje não é sinônimo de garantia de sucesso e muitos daqueles que nela se formam nem sempre têm um emprego seguro, o que era e continua sendo uma expectativa de todos, até porque há a necessidade da sobrevivência.

No aspecto profissional em ambas as décadas a sociedade se eqüivale em suas buscas. É muito comum depoimento igual ao professora A quando esta diz: “hoje tem mais dificuldade porque se vê pessoa... que chega atrasada porque teve que trabalhar... não tem como preparar a lição... não gastam tempo para ruminar aquilo que aprendeu...”. (prof. A)

Essa perspectiva se assemelha muito com o período de 70, onde notamos que a busca constante pelo trabalho também é presente. Contrapondo a essa realidade, já está provado que para ascender socialmente falando nem sempre se faz necessário diploma escolar, o ensino hoje para muitos é relegado a segundo plano. Segundo pesquisa já elaborada, afirma –se que hoje o mercado de trabalho tem atraído muito mais pessoas que a escola, os jovens de hoje estão deixando as salas de aulas em busca de emprego. Esse índice é mais forte principalmente no sexo masculino que por um lado é pressionado pela situação econômica vivida pelo seu grupo familiar e por outro a fé que outrora a escola passava para seus alunos se perdeu com o tempo.

Quando a professora A, afirma que “hoje houve uma abertura o aluno tem liberdade de falar”...(prof.A) , notamos que esta o faz dentro de uma realidade

completamente distante à nossa. O que precisa ser levado em conta é que o Brasil dos anos 70 estava inserido num contexto histórico político e social muito difícil , talvez um dos mais críticos de sua história. Falamos aqui do período da ditadura militar ( década de 60 a 70) , época de repressão, tortura , exílio e assassinato. É desse mesmo momento que fala também a professora C quando afirma em seu depoimento que “a escola era mais fechada... e que “ela não dava tanta abertura como a gente vê hoje na sala de aula...”.(prof. C)

Contrapondo a essa época está o sistema educacional de hoje pregando toda uma liberdade para ao aluno, como já foi colocado pela professora A e que é reiterado pela professora D quando esta afirma que “hoje a escola apesar de faltar muita coisa , mas o aluno já tem a liberdade de se expressar , de criticar...”(prof. D). Para a professora A, essa mudança tem um ponto negativo, segundo ela “muitos problemas vieram junto com o pacote do chamado progresso , ele interfere também na educação ... aí entra a questão do desrespeito e falta de...disciplina.”(prof. A).

O que devemos considerar é que na realidade a escola da década de 70 não dava abertura para a manifestação social, hoje estamos vivendo situação diferente; primeiro porque temos uma escola cujas portas se abriram, onde professor e aluno gozam de uma certa liberdade. Em segundo lugar porque a escola está inserida numa sociedade participante de um mundo dominado pelo avanço tecnológico acentuando assim uma distância entre o contexto social vivido na década de 70 e o contemplado hoje. Entretanto, no discurso de algumas das professoras entrevistadas com relação a liberdade adquirida hoje, o que percebemos é que

estas, são professoras com comportamentos tradicionais onde os alunos são silenciados e a palavra que impera é a do “mestre”, por conseguinte sua prática de ensino restringe-se aos livros didáticos. Esse aspecto nos leva a crer que o aprendizado quase não acontece.

Ao longo dos depoimentos das professoras A e C , percebemos que as mesmas fizeram referências à educação dizendo que “na década de 70 parece... que era mais cobrado ...por parte da liderança política do governo...”(prof. A), “...naquela época era mais duro, pegava muito pesado...”(prof. C) .

Pelo que temos já estudado , nessa época o governo agia com punho de ferro, e aquilo que o sistema determinava era observado para ser cumprido, o que é próprio do militarismo, dar pouca abertura e punir com severidade aquele que não acatar. Isso com certeza repercutia na escola. Essa cobrança vinha mais no sentido de exigir que o professor acatasse um determinado comportamento que não viesse opor – se ao sistema de governo existente na época . Por exemplo: os professores eram punidos se ensinasse para os alunos o que não estivesse pré – estabelecido e principalmente se esse ensino fosse algo que despertasse qualquer tipo de questionamento com relação ao sistema governamental. Um pouco diferente da professora A, a professora C afirma que:

“a criança antigamente ela ia para a escola, tudo era novidade para ela, então elas chegavam de ficar com a boquinha aberta esperando sua palavra...” , hoje a

criança não tem aquela vontade...porque o mundo oferece muita coisa e eles vão para a escola já sabendo muita coisa , antigamente não, a criança só sabia o de casa ...”(prof.C) .

Notamos nesse depoimento que a população estudantil a que essa professora se refere não tinha acesso a meios de comunicação. Quando esta afirma que os alunos eram restritos em seu conhecimento, e “hoje a criança não tem...aquela vontade tão grande de aprender como a gente via antigamente”(prof. C), podemos contemplar aqui que o “hoje” é recheado de informações, uma vez que por mais pobre que o aluno seja, este tem meios para obter conhecimento fora da escola . São pouquíssimos os casos de alunos que não possuem hoje em suas casas um aparelho de comunicação onde ele possa se informar. Mais uma vez vemos aqui um fato contextual.

A professora B se posicionou de modo um pouco diferente ao abordar a questão da educação de 70, levando para o lado sistemático do ensino colocando que:

“a escola era mais fechada ...ela não dava tanta abertura como a gente vê hoje na sala de aula... tudo que você perguntava era mais limitado ...já hoje o aluno tem mais acesso ao próprio avanço tecnológico e o professor hoje, a cabeça do professor tá mais aberta,..”(prof. B)

Enquanto a professora A faz referência negativa ao avanço tecnológico colocando que: “muitos problemas vieram com o chamado progresso”(prof. A), a professora B , em análise, vê o progresso vivido pela escola atual como algo positivo trazendo para professores e alunos melhores condições de desenvolvimento educacional e conseqüentemente social.

Da mesma visão fala a professora E quando esta afirma que “a escola daquela época era tradicional, o aluno não tinha liberdade, não expunha sua maneira de pensar, hoje a escola é aberta e dá liberdade” (prof. E). Deparamos mais uma vez nessas entrevistas com uma situação que já foi colocada. Aborda-se novamente a questão da ditadura militar que predominou nos anos 70 interferindo na educação de modo bastante acentuado

Ao entrevistarmos a professora D a respeito da mesma questão ou seja, com relação às diferenças que as mesma percebia no ensino que ministrava na década de 70 e o que se ministra hoje. Esta nos colocou que

a visão de mundo era completamente diferente a de hoje , com relação ao estudo direcionado , um estudo imposto padronizado onde o aluno recebia alguma coisa pronta e que colocada ali , ele tinha que aceitar, não ia de acordo com a sua realidade(...), ele tinha que aprender o que vinha preparado , enlatado...para ele

receber e assimilar. Se não assimilasse era imposto...(prof.D).

O que fica evidente neste depoimento é que esta professora fala de uma ótica onde a educação era feita de modo a formar alunos iguais entre si, não considerando suas diferenças individuais. É como se tivessem de se adequar a determinadas fôrmas idênticas e o aluno que não conseguisse esse prodígio era excluído da escola. Hoje de acordo com a nossa tendência, os professores devem pensar o seu ensino a partir dos alunos que eles possuem , dentro dessa perspectiva é que vai ser pensado o trabalho educacional.

Diante desses depoimentos podemos observar que de formas diferenciadas as professoras se posicionaram de um ponto muito comum com relação a educação da década de 70, levando nos a fazer um retrospecto histórico da escola que nesse momento estava imbuída num contexto social e político bastante diferenciado. O Brasil passava por uma fase de adaptação à uma nova realidade educacional, isto é , nesse período o país é marcado por dois grandes fatos históricos: a recente tomada do poder pelo militarismo o qual culminou com uma nova ordem social , e a recuperação econômica do país a partir do capital estrangeiro. Esses fatos tiveram grande repercussão na história educacional do Brasil a partir dos anos 70.

Ao retomarmos depoimentos já analisados da professora A e B com relação ao ensino, estas colocam que uma das diferenças existente no ensino dos

anos 70 é a questão dos alunos daquela época estarem mais interessados em aprender o que se ensinava nas escolas do que os alunos de hoje, segundo elas os mesmos levavam o estudo mais a sério que hoje, e a professora A afirma que naquele tempo havia mais incentivo tanto por parte dos pais como pelas autoridades políticas, o que nos leva a crer que esse comportamento está intrinsicamente ligado a realidade social vivida nesse período. Em primeiro lugar nesse período ainda se acreditava muita na escola como redentora da humanidade e em segundo a escola estava em processo de adaptação, era um lugar cujas portas estavam se abrindo e a luta pelo ingresso à escola era muito presente. Segundo VEIGA(1994) a introdução em uma unidade escolar não estava ao alcance de todos, apesar da democratização do ensino defendida desde o surgimento da mesma.

Esse fato dramático vivido pelos alunos da década de 70 está relacionado diretamente à condição socioeconômica dos mesmos. Os estudantes que na escola ingressavam sentiam – se de uma certa forma privilegiados e esperançosos em pôr fim em grande parte de seus problemas. Absorvido por essa ideologia estava toda uma gama de indivíduos, a começar pelos pais que segundo Pereira(1969), se sacrificavam para essa finalidade – estudar os filhos - pois acreditavam no poder da escola. Seus objetivos certamente estavam não só no poder aquisitivo de bens materiais que pensavam alcançar através da mesma como também de se apresentar melhor socialmente.

Esses anseios se transformavam em incentivo para a sociedade buscar com afincos tais ideais. Justifica-se dessa forma por um lado o que a professora A descreve em seu depoimento a respeito das expectativas depositada na instituição

escolar. Por outro lado está na mesma situação o problema colocado pela professora B ao dizer que “os pais não tinham condições mesmo de manter um filho na escola”. Podemos conferir este argumento em alguns trechos da obra “A Escola Secundária Numa Sociedade Em Mudança” de João B. B. Pereira onde o mesmo analisa um ginásio da época correspondente e nos leva a crer que a instituição de ensino desse período representa para sua população estudantil um mecanismo de ascensão social , que começa a dar prestígio ao indivíduo e ao seu grupo familiar a partir do seu ingresso na mesma.(PEREIRA 1969).

Outra questão colocada em pauta é a de que os alunos hoje segundo o depoimento de quase todas as professoras entrevistadas, possuem mais liberdade de expressão o que não tinham nos anos 70.

... hoje a gente vê que houve uma abertura , o aluno tem mais liberdade...prof. A

...a própria escola não dava abertura para o aluno(...)agora não(...)eu prefiro muito mais os falantes, os comunicativos(...) prof. B

..hoje a escola , apesar de faltar muita coisa (...)o aluno já tem liberdade de se expressar(...) prof. D

...a escola daquela época era tradicional, o aluno não tinha liberdade(...)hoje a escola é aberta , ela dá liberdade(...) prof. E

Na escola de hoje segundo estas professoras, houve uma abertura especialmente no que tange a liberdade de expressão. O aluno de hoje tem liberdade de falar, expor suas idéias, contrapor-se a opiniões estabelecidas. Para a professora A

..muitos problemas vieram junto com esse progresso(prof. A), ...as dificuldades pra dar aula numa sala é muito grande(...)se você for dura demais(...)o aluno não aprende , ele acaba ficando com raiva da gente...(prof. C) ,(...)hoje (...)tem mais liberdade(...)pra nós(...)professores sabendo lidar com a situação(...)não acompanhar(...)esse problema de hoje(...) nós sofremos com o comportamento do aluno...(prof. D)

Observamos nesses relatos, que as professoras cima mencionadas referem-se às mudanças sofridas da década de 70 até aos dias atuais decorrente do avanço tecnológico vivido hoje pela nossa sociedade. Em função disso mudou-se o comportamento dos indivíduos, uma vez que hoje os alunos têm mais acesso aos meios de comunicação, informática, enfim, tudo que acrescenta à curiosidade dos mesmos. Evidenciando com isso o despreparo dos educadores que se perdem nesse meio, uma vez que a escola de hoje também não possui estrutura física, tampouco pessoal, para desenvolver um trabalho que venha de fato preparar pessoas para a sociedade que hoje se exige.

A questão do despreparo nos pareceu estar presente em algumas das professoras que aparentaram estar preocupadas em como trabalhar essa questão da liberdade. E quando analisamos a história educacional, notamos a ocorrência desse fato em épocas pregressas. Segundo JUNQUEIRA "as questões relativas à qualidade de ensino e à formação de professores fazem parte de uma realidade que vem ocorrendo há muito tempo, em outro contexto e outras conjunturas"(p.159).

Acreditamos que hoje é dispensada a essa questão um pouco mais de atenção. Pensa-se neste momento em melhor qualificar os nossos educadores para que os mesmos possam desempenhar sua função com mais qualidade.

A liberdade permitida aos alunos de hoje, embora tendo seus pontos positivos reconhecidos por algumas das professoras, não deixam de lhes causar uma certa preocupação uma vez que requer delas maior domínio de conteúdo que venha de encontro com a necessidade do aluno: ...o problema no aspecto de atualização(...)de curso(...)para (...)melhor o professor (...) trabalhar com aluno(...)agora tem (...)muita deficiência(...) (prof. A) . O que podemos perceber é o despreparo dos professores com relação ao modo de se ensinar hoje e também ao que se ensinar. Acompanhar o desenvolvimento do atual aluno, com todo esse avanço tecnológico requer uma necessidade de estar suficientemente habilitado para poder ir ao encontro dos anseios dos mesmos. Ao trabalharmos essas questões é que percebemos quanta deficiência há no meio educacional, e por conseguinte na própria formação do professor.

Se formos buscar referência na nossa história, veremos que a liberdade é uma busca que sempre se fez presente no meio da sociedade a começar pela ideologia da "igualdade" pregada pelos burgueses quando estes ascendiam ao poder, fazendo com que a sociedade se submetesse a uma instrução para poder atender o novo sistema que erigia no momento.

No período da idade média havia uma concepção filosófica para explicar a formação social existente. Tal concepção estava firmada no pensamento essencialista que justificava os privilégios gozado pelos nobres e pelo clero, os dois grupos sociais da época. Na visão essencialista o homem ao ser criado tinha seu destino definido previamente. Em consequência disso, a diferença que havia na sociedade entre servos e senhores estava determinada pela criação divina. Nesse caso a essência humana justificava as diferenças. (SAVIANI 1997).

Uma vez a burguesia no poder passou – se a pensar em uma possível construção de uma sociedade fundada no contrato social firmado "livremente" entre os indivíduos. Esse propósito capitalista estava em superar o "antigo regime" social cuja base estava na filosofia essencialista que concedia privilégios apenas à uma pequena parte da sociedade, ou seja, a nobreza e o clero. "É a partir desse momento que a burguesia vai advogar a filosofia da essência como suporte para a defesa da igualdade dos homens." (SAVIANI p.50)

“É sobre essa base de igualdade que se estrutura a pedagogia da essência e , assim que a burguesia se torna classe dominante... vai advogar a escolarização para todos”.(SAVIANI 1997)

É nesse momento que a nova classe em ascensão articula uma forma de instruir o povo com finalidade de atender a necessidade de mão de obra de suas fábricas que no momento surgiam e se ampliavam. Funda – se então uma escola aberta a homens comuns da sociedade. Mas não é apenas ao nível econômico que a escola se justifica. Também no âmbito da nova política este se fez presente.

“...Escolarizar todos os homens era condição de converter os servos em cidadãos , era condição de que esses cidadãos participassem do processo político,...A escola era proposta como condição para a consolidação da ordem democrática.” (SAVIANI 1997)

Ao construir uma escola para todos articulou – se também uma pedagogia que viesse a adequar ao momento revolucionário, cria – se então a pedagogia tradicional. Esta foi erigida devido a necessidade do novo sistema, o capitalista, conforme já explicitamos anteriormente , e concebida segundo SAVIANI como um instrumento para equacionar o problema da marginalidade social. Portanto classificada como redentora da humanidade. Esta se organiza em função do professor, pois para essa teoria, estava no educador a competência do saber e

cabia somente a ele a transmissão desse conhecimento aos alunos , segundo uma gradação lógica.

Tanto para ARANHA (1996) como para VEIGA (1994), essa pedagogia é excessivamente rígida , magistrocêntrica e voltada para a memorização dos conteúdos que eram sistematicamente elaborados, dentro do conhecimento acumulado pela sociedade, ou seja, um “acervo cultural”. O que se percebe é que nesse contexto o conteúdo é decisivo. “A metodologia é entendida como um conjunto de regras e normas prescritas visando a orientação técnica do ensino e de todo o estudo”(VEIGA: p.43). Ficava ao encargo do professor ensinar, e este trabalhava em cima de livros rigorosamente selecionados. Tais conhecimentos eram advindos da elite européia, portanto fugia a nossa realidade cultural. Esta idéia é comentada por Saviani quando este afirma que ...”A escola se organiza centrada no professor , o qual transmite segundo uma gradação lógica o acervo cultural aos alunos. (SAVIANI 1997, p.18)

A referida pedagogia prega a igualdade essencial entre os homens, porém precisamos nos ater para o fato de que é através desta ideologia que se vai trabalhar a “liberdade” dos homens da qual depende a solidificação do capitalismo. Seguindo o fio condutor do pensamento de Saviani, entendemos que “...é sobre essa base de igualdade que vai se estruturar a pedagogia da essência , é assim que a burguesia se torna classe dominante...”( SAVIANI p.51)

Uma vez consolidada no poder, ocorre que a burguesia não dispõe mais do interesse de dar continuidade a transformação social , uma vez que a participação política da massa não estava indo mais ao encontro dos seus interesses. Sendo assim passa-se a pensar em uma nova mudança para a educação e que fez surgir o que a literatura denominou por Escola Nova ou que SAVIANI chama de "Pedagogia da Existência".

A escola já citada foi criada como mencionamos anteriormente , com fins bem definidos, isto é , para atender a classe em ascensão e o que se nota segundo CUNHA (1980) é que na medida em que a população era instruída , se exigia mais do sistema, por exemplo: haviam muitas manifestações da parte dos trabalhadores que começavam a perceber o verdadeiro propósito do mesmo que era o de reforçar as posições de classe previamente existentes e não como afirmava a ideologia oficial. Esse ponto de vista foi suscitado por SAVIANI(1997) quando ele afirma que a burguesia, uma vez consolidada no poder deixou de encaminhar seus interesses em direção à transformação , seus objetivos deixaram de ser contemplados,

Deu – se então um novo rumo a educação , já que a "história se volta contra os interesses da burguesia" (SAVIANI p. 52 , 1997), para assegurá-los ela passa então a negar a história. Tão logo a Pedagogia Tradicional não atende mais seus anseios , pensa – se em nova reforma escolar, cria –se a pedagogia da existência onde colocam os homens como seres diferentes entre si, contrapondo – se ao movimento anterior "da libertação da humanidade", nesse caso, segundo

SAVIANI(1997), a nova pedagogia vai fazer valer a desigualdade, a dominação e a sujeição da classe majoritária contra a legitimação dos privilégios da minoria.

Segundo VEIGA (1994) a característica mais marcante na Pedagogia Nova é a valorização extrema da criança. Pois acredita – se que esta possui aptidão individual e precisa ser trabalhada . ARANHA (1996) comenta que a referida pedagogia preocupa – se “excessivamente com o psicológico”. Para MELO (1986) o processo de aquisição de conhecimento passa a ter mais importância que o conhecimento propriamente dito contrapondo-se à Pedagogia Tradicional. Aqui os “aspectos emocionais e afetivos da aprendizagem ganham grande destaque”(op cit 96) fortalecendo o individualismo e enfraquecendo a disciplina e a transmissão de conteúdo. SAVIANI (1997) nos afirma ainda que o desinteresse pela transmissão de conhecimento denota o rebaixamento do nível de ensino destinado a classe popular e por outro lado aprimora – se a qualidade da escola elitista.

“...A escola deveria agrupar ao alunos segundo áreas de interesse decorrente de sua atividade livre. O professor agiria como um estimulador e orientador da aprendizagem cuja iniciativa principal caberia aos alunos”.(SAVIANI p.21)

Nesse quadro a educação enquanto fator de equalização social vai trabalhar na tentativa de corrigir a marginalidade na medida que cumprir a “função de ajustar, adaptar os indivíduos na sociedade”(p. 22). Na realização desse trabalho a

pedagogia passa do intelecto para o sentimento, do lógico para o psicológico, do esforço para o interesse, da qualidade para a quantidade. (SAVIANI 1997 p. 20 – 21)

O que vale considerar é que a Pedagogia Nova também não contemplou os anseios que dela se esperava especialmente quando nos referimos ao acesso dos militares ao poder e à forte mudança nos rumos de nova sociedade. Isto deixou abertura para uma política pedagógica diferenciada que viesse se ocupar da reforma pedagógica dando novos rumos a educação. Manifesta – se nesse momento a pedagogia Tecnicista que imperou durante todo o período militar.

A Pedagogia Tecnicista mostra uma nova forma de atuar na educação. Enquanto a Pedagogia Tradicional centra sua atenção no professor e a Escola Nova no aluno, a Pedagogia Tecnicista surge dentro de uma nova realidade política e econômica , e dada a essa realidade vai trabalhar com os meios dentro de um propósito específico explícito.

Essa tendência pedagógica segundo ARANHA (1996), foi introduzida no Brasil num período crítico da nossa realidade, o período da ditadura militar que começou com a tomada do poder pelos militares no ano de 1964, percorrendo a década de 70. essa foi uma época onde os brasileiros sofreram com repressão , tortura, exílio e assassinatos. Nesse contexto calam – se os manifestantes e a sociedade padece com esse novo sistema governamental. Ainda na concepção dessa mesma autora esse momento intensifica o estrangeirismo ligado ao

capitalismo internacional abrindo as portas do Brasil para as empresas multinacionais, prejudicando as pequenas e médias.

Para VEIGA (1994) essa década traz como característica fundamental um projeto desenvolvimentista que buscava acelerar o crescimento sócio-econômico, tendo como marco dois fatos históricos: o primeiro foi a instalação de um novo regime , já explicitado, e o segundo a política de recuperação econômica do país a partir do capital estrangeiro. Nesse contexto nota –se o aceleração no “ritmo do crescimento da demanda social de educação que culmina com a crise do próprio sistema educacional”. (ARANHA 1996, p: 166).

Na concepção de SAVIANI (1997), o pressuposto que estrutura essa pedagogia está na neutralidade científica . Essa tendência segundo ARANHA (1996), baseia – se em “pressupostos positivistas, que , em nome de um saber científico pretensamente neutro e objetivo, na verdade exerce uma função de controle e portanto oculta um significado político de dominação”(p.166). Observamos isso quando vemos que apenas uma pequena parte controla o poder enquanto a classe majoritária é controlada.

Mediante a transformação econômica política e social que o Brasil passava no citado período, nota –se interesse das grandes empresas em implantar nas escolas públicas, propostas pedagógicas que viessem atender às suas necessidades do momento. Nesse processo evolutivo nasce a Pedagogia Tecnicista que se baseia na racionalidade, eficiência , e produtividade. Incentiva a divisão de trabalho sob a

justificativa da produtividade , propiciando o parcelamento e a fragmentação da pedagogia. Novamente a escola vai viabilizar a transação capitalista entre proprietários e empregados preparando trabalhadores para desenvolver funções diversificadas dentro das empresas.

Para SAVIANI (1997) a pedagogia acima citada tem como elemento principal “a organização racional dos meios, ocupando o professor e aluno posição secundária , cuja concepção , planejamento , coordenação e controle ficam a cargo de especialistas supostamente habilitados”(p:24). Nessa pedagogia segundo ARANHA (1996) o professor é esvaziado de suas atividades educativas passando de condutor e estimulador a simples executor. Entende – se então que para essa pedagogia marginalizados são os improdutivos , e a educação segundo SAVIANI (1997), estará trabalhando para solucionar esse problema na medida que preparar os indivíduos para contribuir com o aumento da produtividade.

Essa tendência pedagógica segundo ARANHA (1996) está alicerçada no behaviorismo que privilegia os procedimentos que levam em conta a exterioridade do comportamento, o único capaz de ser submetido ao controle e experimentação objetiva. Esta corrente psicológica por sua vez, está ligada ao positivismo que muito influenciou e ainda influencia a nossa educação.

Segundo depoimentos já analisados de algumas professoras, pudemos observar que as mesmas referem-se à educação da década de 70 como *mais fechada,(...)não dava abertura como vemos hoje* (prof. B),. Logo adiante nos

deparamos com a colocação da professora E se referindo a mesma como tradicional e que "hoje a escola é mais aberta e dá mais liberdade..."(prof. E). E seguem assim outros depoimentos mencionando mudança no sistema educacional, como o da professora A que afirma: a escola de hoje (...) houve uma abertura, o aluno tem mais liberdade de expor (...) (prof. A). E a professora D ...o aluno tem liberdade de se expressar(...) (prof. D), todas fazendo a mesma referência.

O que devemos nos ater é que na década de 70 o sistema era fechado, os alunos e professores silenciados, em suma a situação sócio-política da referida época está muito distante dos nossos dias, por conseguinte pede-se uma educação que acompanhe toda essa mudança evolutiva que os educadores entrevistados relatam. No entanto deparamos com uma escola que trabalha dentro de uma prática muito aquém da sociedade que hoje possui. Provocando com isso inquietudes nos professores que se perdem nesse contexto.

Ao colocarmos a educação do período em estudo como diferente , mais fechada, e a de hoje mais aberta, faz-se necessário lembrarmos que são mundos completamente distintos. Enquanto que na década de 70 vivia-se numa redoma de ditames políticos, hoje temos um sistema mais aberto onde críticas , reivindicações , greves, manifestos de toda ordem, são movimentos muito presentes em nossos dias denotando uma sociedade mais participativa. Partindo dessa perspectiva é que se deve estruturar a educação.

Discutimos as diferenças que ao longo deste capítulo, sobre as diferenças que os professores atribuem à educação em diferentes épocas, ou seja, na década de 70 e na atualidade.

Em síntese, podemos afirmar que estas diferenças estão na ordem política, social e econômica, esferas estas que caracterizam as mesmas. Como já havíamos comentado, a década de 70 nos mostra uma realidade onde a sociedade vive momentos de repressão por ocasião da ditadura militar. O sistema governamental era extremamente fechado não permitindo nenhum tipo de manifesto social que denotasse insatisfação ou crítica ao mesmo. Com relação ao fator econômico, o Brasil adaptava-se a uma nova situação, que estava ligada a introdução do capital estrangeiro promovendo com isso, o aumento do fluxo das grandes empresas no país. Em função dessa realidade, a escola trabalhava com seus alunos, conteúdos básicos que pudessem atender às necessidades das indústrias. Hoje contemplamos um outro contexto, diferente da década de 70, o sistema hoje é aberto às manifestações sociais de toda ordem. A educação hoje trabalha de modo a priorizar os posicionamentos, a reflexão, a crítica, e todo o seu conteúdo tem que estar voltados para este fim, isto porque vivemos hoje um período onde o avanço tecnológico e a informática são os maiores responsáveis pelo desenvolvimento econômico do país. Em função disso pede-se hoje uma educação diferente, ou seja, que venha contemplar a nossa realidade.

Foram essas as mudanças que sofreu a educação da década de 70 com relação à de hoje, caracterizando assim dois momentos distintos que merecem ser analisados, cada um dentro de sua perspectiva histórica.

## AS TRANSFORMAÇÕES DO SABER

Na tentativa de responder à questão “o que” ensinar nas escolas, partimos para o estudo da concepção dos professores com relação a este ponto. Isto nos levará a questão de como eram os conteúdos aplicados nas escolas da década de 70 em termos de quantidade e o modo pelo qual eram trabalhados em relação a atualidade. Dentro desta perspectiva a professora A nos colocou da seguinte forma:

sempre trabalhei (...)Português e Inglês, então Inglês não se tem muito a dizer porque era língua(...)se focalizava muito a gramática , a tradução(...)se bem que já havia uma certa ênfase a comunicação(...)aquele método antigo que era mais visado, (...)em Língua Portuguesa havia sim textos principalmente mais clássicos...e bastante gramática e não se levava muito à interpretação de textos.(prof. A )

Quando a professora acima coloca a questão de se trabalhar a Língua Portuguesa e a Língua Inglesa notamos que está dentro do previsto pelo programa pedagógico daquela época , percebemos que não se trabalhava interpretação de texto, o aluno não era despertado a criticar. O trabalho realizado com os discentes

nessa disciplina se restringia à gramática que os livros traziam. É interessante lembrarmos que estes, antes de serem publicados eram supervisionados pelo governo para poder ser liberados. Esse trabalho asseguraria a não veiculação de teores políticos ou reflexões sobre questões sociais no bojo de seu texto com o propósito de não despertar nenhum questionamento ao governo da época.

Com relação a Língua Inglesa notamos que no período de 70 o estrangeirismo ligado ao capital internacional estava abrindo as portas do Brasil para as empresas multinacionais. Esse período trazia como característica fundamental um projeto desenvolvimentista que buscava acelerar o desenvolvimento sócio-econômico do país. E imbuída nesse avanço estava a escola preparando mão de obra para atender as empresas que afluíam. Por conseguinte deu-se ênfase à comunicação. Até então só se trabalhava no interior dessa disciplina com a tradução.

Com relação a colocação da professora B esta afirma que : naquela época se ensinava a decorar , a responder somente o que estava de acordo com o livro , com o que estava preestabelecido ali no livro didático...(prof.B)

Esta fala de um momento histórico da educação, onde professores e alunos viviam sob pressão ,falamos aqui da ditadura militar que dominou o período de 70.

Em função disso o ensino primeiro era vistoriado pelo governo para depois chegar às escolas e não era permitido aos educadores extrapolar o que estava preestabelecido, se assim o fizesse seria exonerado do seu cargo.

Ao referir-se ao conteúdo da década de 70 a professora D nos colocou que “o conteúdo daquela época...por não ter essa liberdade o aluno teria...matéria básica e ali ele se aprofundava...”(prof. D),

Notamos no depoimento da professora D que esta relata um momento histórico vivido pela escola onde a mesma preparava os alunos para o mercado de trabalho. Nesse momento, estava a cargo da escola capacitar indivíduos para desempenhar diferentes funções dentro das empresas que surgiam. No desempenho dessa função eram aplicadas nas escolas matérias básicas, logicamente aquelas que o governo permitisse, e que estivessem dentro da exigência das indústrias.

Com o acentuado fluxo dessas empresas no país, exigiam-se cursos técnicos diversos, todos direcionados pelo sistema governamental em parceria com as empresas industriais. E com isso os conteúdos necessários seriam aqueles que estivessem dentro da necessidade daquele momento. O que nos leva a entender que falamos aqui de um período cuja política econômica estava articulada às

empresas estrangeiras instaladas no Brasil. Logo, havia necessidade de mão de obra qualificada para esse fim.

Já a professora E , ao ser abordada com a mesma questão, se posicionou de forma confusa. Embora a mesma diga que mudou a maneira de aplicar, seu depoimento deixa mostras de uma concepção conservadora que nos leva a crer que , para ela as coisas permanecem.

...eu acho que a diferença não existe, existe diferença na maneira de aplicar(...)antes o aluno tinha que decorar uma tabuada e hoje você tem muitas maneiras de fazer o aluno chegar ao resultado...(prof. E)

Nessas colocações a professora citada nos permite concluir que a mesma não só vê a escola de modo tradicional como também trabalha com seus alunos dentro desse mesmo modo. Não basta mudar o modo de ensinar a tabuada para que a educação seja diferente. Há a necessidade de uma formação crítica. Assim sendo , esta docente parece não caminhar no sentido do crescimento do educando, parece não estar desenvolvendo um trabalho condizente com as exigências do momento atual.

Ao retomarmos a questão dos conteúdos aplicados, na década de 70 na visão de alguns professores , foram levantadas questões que nos levam a nos situarmos em épocas passadas. Nesse período, o contexto histórico vivido pela sociedade era

de um sistema fechado onde as determinações governamentais eram impostas em todos os aspectos. Governava-se o Brasil com “punho de ferro” e a sociedade era silenciada. Esses determinantes favoreciam para que a educação fosse programada de maneira a se adequar a uma realidade distinta da de hoje, que nos confere um mundo onde a ciência cibernética impera.

Analisando a educação no aspecto histórico social, SAVIANI (1997) e MELO (1986) nos remetem à teoria crítico-reprodutivista, segundo a qual, a instituição escolar é condicionada pela sociedade e o seu trabalho ao invés de democratizar o ensino contribui para a reprodução das diferentes classes sociais. Esse processo se dá quando a escola desempenha dentro do âmbito educacional a legitimação das desigualdade sociais através da imposição da cultura dominante. Nesse caso os marginalizados são os grupos dominados porque não possuem força material e nem cultural e a educação reforça essa questão quando vemos que: “a função própria da educação consiste na reprodução da sociedade em que ela se insere”. (SAVIANI p.27).

Ainda dentro da ótica da teoria crítico-reprodutivista, SAVIANI(1997) nos mostra a teoria da Escola Dualista que nos apresenta a educação em uma outra visão. Para essa teoria a escola enquanto aparelho ideológico desempenha duas funções: a formação de força de trabalho e a inculcação da ideologia burguesa. Esse processo se dá concomitantemente no âmbito escolar e na macro estrutura. Nesse quadro o papel da escola não é simplesmente reforçar e legitimar a marginalidade que é produzida socialmente, mas sim de impedir o desenvolvimento

da ideologia do proletariado impondo implicitamente a ideologia burguesa.(SAVIANI 1997)

Já na visão da teoria Crítica da Educação, o mesmo autor faz referência tanto à teorias não críticas (Pedagogia Tradicional, Pedagogia Nova e Pedagogia Tecnicista) como as crítico-reprodutivistas alegando que em ambas o problema do conflito social entre as classes continua e a questão da marginalidade permanece em aberto. Segundo SAVIANI (1997) só seria possível uma teoria crítica da educação se esta partisse do ponto de vista dos interesses da classe dominada, para isso seria necessário atender a natureza específica da educação que consiste nas complexas mediações que ocorrem de maneira contraditória na sociedade. “Do ponto de vista prático, trata-se de retomar vigorosamente a luta contra a seletividade , a discriminação e o rebaixamento do ensino das camadas populares”(SAVIANI p. 42). Dessa forma estaríamos promovendo uma possibilidade de erradicar com o problema da marginalidade.

“...O papel de uma teoria crítica da educação é dar substância concreta a essa bandeira de luta de modo a evitar que ela seja apropriada e articulada com interesses dominantes”.(SAVIANI 1997)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sendo a educação um tema abordado em diversos aspectos por diferentes autores, todos com objetivos específicos. Assim de nossa parte propusemos trabalhar com o ideário construído por um grupo de professores, na tentativa de buscar referência que nos permitam esclarecer alguns aspectos referentes a educação da década de 70 , comparando-a com a de hoje.

No desempenho desse trabalho realizamos pesquisas baseadas em bibliografias de trabalhos já publicados de diferentes autores, como também entrevistas com professores atuantes na década de 70 e que continuam atuando no momento. Os dados nos levam a confirmar nossa idéia inicial, de que quando falamos da educação nas referidas décadas falamos de dois períodos onde as diferenças com relação ao contexto histórico social são gigantescas, a começar pelo sistema governamental que no primeiro momento foi marcado pela repressão e opressão social. Falamos aqui do militarismo que imperou no Brasil desde 1964 até 1986, período este responsável pela acentuada diferença entre o Brasil de antes e o de hoje onde impera a abertura política.

Inserido no contexto da década de 70 estava a escola articulada pelo governo, trabalhando dentro de uma pedagogia que buscava formar indivíduos para desempenhar funções específicas dentro do mercado de trabalho que nesse caso eram as indústrias emergentes no país. Dentro dessa realidade o ensino além de ser restrito em seu conteúdo cognitivo era também de difícil acesso.

Hoje se contempla uma outra realidade, vivemos num momento onde o avanço tecnológico domina todo o país a começar pela informática cuja abrangência é de nível mundial. Esse avanço para a modernidade fez com que se concentrasse nas escolas, indivíduos com acentuado grau de conhecimento adquirido em seu

meio social. Esta circunstância era inimaginável no período anterior. Tais comportamentos se refletem hoje de forma preocupante no meio educacional, pois a escola não possui estrutura para trabalhar com esses alunos. Sua prática de ensino parece ainda estar presa ao período medieval.

Nossa questão inicial estava relacionada ao fato de que algumas pessoas achavam que a educação dos tempos passados era melhor que a de hoje, sugerindo-nos uma perda na qualidade da educação do momento. Nossa busca por respostas a esta questão fez-nos ver que na década de 70 o contexto político, social e econômico era diferente ao atual. Sendo assim, no âmbito educacional do período citado os professores tinham um perfil diferente do de hoje. Eram educadores que trabalhavam sob pressão do sistema político, que lhes determinava o "que" e "como" deveriam ministrar os conteúdos. Eram conhecimentos básicos que deveriam preparar os indivíduos para o mercado de trabalho. O que percebemos é que a escola citada conseguia atender essa perspectiva, até porque, sua estrutura estava preparada para a população da época.

Hoje, vivemos num contexto social e político diferente onde a escola necessita de educadores que tenham uma boa formação política, um professor preparado para trabalhar com reflexão, trabalhar com o mundo da tecnologia, da informática, etc. um professor que tenha uma formação sólida, para então poder desenvolver seu trabalho com sucesso. Porém, não dispomos desses profissionais, e a escola que temos hoje é incompatível com as exigências do mercado de trabalho, o que não ocorria pelo menos não de modo tão acentuado no período anterior.

Outro ponto a observarmos é que no período de 70, havia um equilíbrio entre a população urbana e a rural. Hoje a população urbana é infinitamente superior. Em função dessa desigualdade, o contingente populacional nas escolas dos anos 70 era incomparavelmente menor que a de hoje, interferindo de maneira acentuada no desenvolvimento educacional de ambas as décadas. Os alunos da década de 70 tinham características que os aproximavam do modelo de escola da época. Hoje os

alunos mudaram e suas características também , mas a escola, permaneceu a mesma.

Dentro dessa perspectiva a educação dos anos 70 tinha como ponto positivo com relação a de hoje dois fatores que favoreciam o seu desempenho. Em primeiro lugar porque as disciplinas eram restritas e os conteúdos limitados e em segundo, o contingente de alunos no interior das escolas era em menor quantidade propiciando à mesma, atender seus alunos com mais qualidade. Além do mais, ela era mais adequada aos seus alunos, do que os de hoje.

Além de todas estas questões, temos que levar em consideração que o conhecimento passou por transformações profundas em sua gênese e em sua natureza. Isto requer que também a escola mude. Em nosso caso ela não mudou. Daí o descompasso.

## BIBLIOGRAFIA

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. História da Educação/ Maria

Lúcia de Aranha- 2ª ed. Ver. E Atualizada – SP: 1996.

CUNHA, Luís Antônio. Educação e Desenvolvimento Social no

Brasil. Rio de Janeiro : F. Alves , 1980.

LÜDKE, Menga. ANDRADE, Marli E. D. Pesquisa em Elaboração .

Abordagem Qualitativa/Menga Lüdke E. D. Andrade – SP. 1994.

MELLO, Guiomar de. Da Competência Técnica ao Compromisso

Político/ Guiomar Namo de Mello. 6ª ed. SP: Editora Cortez,

Autores associados 1996. (coleção educação contemporânea).

MARIM, Alda Junqueira. Propondo Um Novo Paradigma Para Formar

Professores a Partir das dificuldades e Necessidades Históricas

Nessa Área. Universidade Estadual Paulista Julho de Mesquita

Filho. UNEST/Campus Araraquara.

PEREIRA, João Batista Borges. A Escola Secundária Numa Sociedade

Em Mudança. Livraria Pioneira , editora SP. Ano 1969.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. A Prática Pedagógica do professor

De Didática/ Ilma Passos Veiga – 3ª .ed. Campinas SP. 1994.

ANEXOS

## QUESTIONÁRIO

- 1- Em que a escola da década de 70 era diferente a de hoje, qual é a sua visão com relação a escola?
- 2- Quais os problemas que você como professora atuante em ambas as épocas enfrenta hoje e que não havia no referido período?
- 3- Quais foram os problemas que você enfrentou antes e que não existem hoje?
- 4- Enquanto professor em atividade, em que época as dificuldades foram ou são mais fortes? Por que?
- 5- Em termos de conteúdo existem diferenças entre o que se ensinava antes e o que se ensina hoje?